

SBH
Pt 65 ex 14

51/11/11

Liário Carioca
2ª Secção p. 3

Polêmica Sérgio Buarque — Euríalo Cannabrava

O sr. Sérgio Buarque de Holanda, crítico deste jornal, escreveu ao seu artigo de hoje um adendo em resposta ao artigo de domingo último do nosso colaborador, sr. Euríalo Cannabrava. Entre ambos, como se sabe, trava-se uma polêmica consequente a reparos do primeiro a uma tese do segundo relativa à na-

tureza da linguagem poética. Dado o interesse que vem despertando o debate, que assumiu tom excepcionalmente vivo na última investida do sr. Cannabrava, tivemos por acertado destacar a "nota" do artigo do nosso crítico oficial, nota a que deu o título de

No Reino das Ambiguidades

EM artigo para o DIÁRIO CARIOCA, meu prezado mestre Euríalo Cannabrava volta à pendência da ambiguidade, para acusar-me de quatro lamentáveis deslises. O assunto pede alguns esclarecimentos.

1) Escreve o articulista que permaneço apegado à teoria de que não há distinção entre linguagem poética e linguagem científica. — Ora, o que tenho pretendido é apenas contrariar a simplificação tendente a apresentar o idioma da poesia como essencialmente "ambíguo", ao oposto da proposição científica ou do enunciado do senso comum. Lembrei a existência

de casos numerosos onde a linguagem da poesia não é e não quer ser ambígua ou multívoca, por conseguinte onde existe a própria possibilidade de alguma decisão sobre a verdade ou o erro do seu contexto. Não sugeri que entrasse aqui alguma regra geral e invariável, pois isso equivaleria a resvalar para um unilateralismo semelhante àquele que procurara contestar. E evidentemente não precisaria insistir nos casos onde o verso aparece como "descrição indefinida", por isto nunca fôra negado pelo meu contraditor.

2) Afiança ainda o sr. Cannabrava

(Conclui na 10.ª pág.)

Liário Carioca 11-11-51
pg 3 - 2ª Secção



POLEMICA SÉRGIO...

(Conclusão)

brava que nas *Georgicas* de Virgílio, ao oposto do que eu dissera, não existe referência alguma ao modo de se evitar a erisipela gangrenosa. Assim, acrescenta, "fui obrigado a admitir que o ilustre crítico recorre à imaginação para suprir suas falhas de memória". — Acontece porém, que não é preciso trabalho de imaginação ou memória para se encontrarem nas *Georgicas* as passagens — mais de uma, — onde são referidos os meios usuais contra o terrível mal descrito ao fim do livro terceiro. Um deles consistia, por exemplo, em deitar vinho puro, com auxílio de um funil, pela goela do animal contaminado (III, 509-14). Outro, em mudar as pastagens (III, 548). Meios esses que se teriam revelado, aliás, ineficazes ou contraproducentes. É verdade que a erisipela gangrenosa não aparece com tal nome em nenhum lugar do poema. Contudo, neste passo, socorri-me, não da imaginação, e sim da interpretação de comentadores aparentemente autorizados. Um destes, Henri Goelzer, membro do Instituto de França e professor da Faculdade de Letras de Paris, diz expressamente, ao rodapé da página 119 de sua edição do poema para a *Collection des Universités de France*: "On croit que Virgile a décrit ci les effects

Artigo referente à polêmica
Euríalo Cannabrava